



**Pentacórnio**

**o último**



# PENTACORNIO

ANTOLOGIA DE INÉDITOS DE AUTORES PORTUGUESES CONTEMPORÂNEOS

ORGANIZADA POR

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

*Incluindo*

EM TORNO DO PROBLEMA DA IMPORTÂNCIA  
DOS ESCRITORES NA SOCIEDADE PORTUGUESA

*por António Sérgio*

MENSAGEM DE FINADOS

*poema de Jorge de Sena*

UM POEMA de Ruy Cinatti, TRÊS POEMAS de Tomaz Kim

PÁGINAS DO DICIONÁRIO de António Pedro

TRÊS POEMAS de Alberto de Lacerda, DOIS POEMAS de José Terra

MEDITAÇÃO NA PASTELARIA, *poema de Alexandre O'Neill*

TRÊS POEMAS de Fernando Marçal

HOMENAGEM A FREUD

*por Mario Fernandes Ferro*

&

« PARA UM CONCEITO ACTUAL DE MODERNIDADE »:

PARA UMA CERTIDÃO DE ÓBITO DA MODERNIDADE

*por Adolfo Casais Monteiro*

MODERNIDADE NÃO É MODA

*por António Quadros Ferro*

MODERNIDADE E CLASSICIDADE

*por Carlos Eduardo de Soveral*

MODERNIDADE E MODO

*por Delfim Santos*

SENTIDO E NÃO SENTIDO DO MODERNO

*por Eduardo Lourenço*

DA MODERNIDADE E DO SEU PREÇO

*por Fernando Lemos*

SOBRE MODERNISMO, *por Jorge de Sena*

« IL FAUT ÊTRE ABSOLUMENT MODERNE », RIMBAUD

*por José-Augusto França*

DEZ RÉIS DE MODERNO ANTIGO

*por José Blanc de Portugal*

O MODERNISMO EM PORTUGAL

*por Oscar Lopes*

&

POST-FACIO A TODA A OBRA

OU « DE PAR MA CHANDELLE VERTE »

*por José-Augusto França*

TRÊS DESENHOS

*de Fernando Azevedo, Fernando Lemos e Vespeira*

CAPA de F. Lemos, VINHETAS de Vespeira e António Pedro

*em Lisboa, 31 Dezembro de 1956*

EDIÇÃO DO AUTOR • DEPOSITÁRIA: LIVRARIA PORTUGAL, LISBOA

Os trabalhos recolhidos nesta Antologia são da responsabilidade dos seus autores.

Composto e impresso na TIPOGRAFIA ANTÓNIO JORGE, Travessa do Conde de Soure, 4, Lisboa  
para onde deve ser dirigida toda a correspondência para o Organizador.

# EM TORNO DO PROBLEMA DA IMPORTÂNCIA DOS ESCRITORES NA SOCIEDADE PORTUGUESA

POR ANTÓNIO SÉRGIO

**O** inquérito publicado no *Tetracórnio* leva-me a manifestar uma atitude de dúvida pelo que toca à influência dos nossos homens de letras na Sociedade portuguesa de que fazem parte — dúvida que me acompanha desde há muitos anos e a que agora esse inquérito me revocou. Possuem os escritores realmente um público, que pese alguma coisa no agregado nacional? Têm força própria? Deve um sociólogo contar com eles? Existem como factor no viver da grei?

\*  
\* \*

Alguns, li que não me lembro que escritor estrangeiro, tendo estancado entre nós alguns dias, notou que os homens de letras de Portugal não escrevem realmente para o que se chama o público, senão que só para uma porção dos seus próprios confrades; e, pela mesma época, um dos nossos escritores, na página literária do *Diário de Notícias*, desabafava dest'arte: «Deriva de aí a sensação que terá, segundo suponho, qualquer homem de letras português de viver completamente isolado dos seus leitores, na indiferença total da sociedade a que pertence». Assim é, creio eu.

Pergunto-me se não será lícito repartir os autores, no que respeita ao problema que se tem em vista, em três espécies sociais:

1.º A dos que pertencem à oligarquia, ou são unicamente os servos dela, — exercendo influência nessa qualidade, pois, e não propriamente como homens de letras, pelos seus próprios méritos e pensamentos próprios. São os que dominam como senhores directores dos nossos periódicos de maior tira-



gem; como presidentes das instituições de importância, que lhes é conferida pelos oligarcas; como altos burocratas da máquina suprema; como membros dos conselhos, que são a força impulsora dos órgãos mamónicos da Sociedade.

2.<sup>a</sup> A dos que não pertencem à oligarquia nem tão-pouco são servos dos seus magnates, mas escrevem para os leitores de determinadas seitas, de particulares facções (ou políticas, ou religiosas, ou artísticas, ou sociais). São estas últimas, por via de regra, nutridas por ideias que correm mundo, chegando-nos portanto de além-fronteiras, e conferem aos escritores que lhes prestam serviço a importância e a aura de que desfrutam — embora às vezes muito pouco valham. Esses, ao que supponho, são menos influídos do que influídos. Influídos, quero eu dizer, pelas ideias da seita de que fazem parte ou pelos interesses sectários da mesma seita — da qual portanto são porta-vozes e nada mais. Simples cisternas, e não fontes que manam. Não movem um público, obedecem aos chefes. Os chefes é que influem na sociedade, na medida em que a seita actua nela.

3.<sup>a</sup> A dos de personalidade literária autêntica e educação de espírito honestamente formada e que mereceriam, por isso, influir de verdade, concorrer para uma positiva criação de cultura — mas sem público suficiente que os compreenda bem, que esteja capacitado a medir o seu mérito, a diferenciar entre a jóia e a missanga vil, entre a criação efectiva e o palavriado inane; um público, em suma, que distinga o péssimo do que de facto é bom, e o somente bom do que já é boníssimo. (Claro que o escritor que é só meio-artista, que só dá divertimento aos indivíduos que o lêem e não traz um conteúdo intelectual dele próprio, pode valer como artista e agradar muitíssimo; mas não influi no modo de proceder do «público», da «Sociedade», da «Grei»).

A respeito destes escritores que mereceriam influir, pendo a crer que não existe uma relação vivaz entre tais autores e um verdadeiro público; que não há um organismo cultural literário — com as acções e reacções que todo o viver comporta — dentro da massa da população lusófada; e isso, em parte, porque são raros os portugueses com curiosidade de espírito; porque os que lêem, aqui, não passam de uma porciúncula da população do País; e porque ninguém os ensinou a coordenar ideias, a interessar-se por elas, a distinguir entre aquilo que é realmente *pensado* e o oco palanfrório que de facto o não é. Eis o que fazia dizer ao Camilo: «Havia de encher o meu País de retórica e de almôndegas, que nunca lhe reconheci bojo idóneo para esmoer outra fazenda».

Queixando-se da incapacidade para a coordenação mental que caracteriza o público da nossa terra, conta o Fialho que em não sei que clube, quando chegou a época das brincadeiras de Entrudo, se lembrou um gracioso de divertir os sócios, dando-lhes a representação de uma peça de teatro,

mas tendo transtornado desde ponta a ponta a sequência natural dos actos e das cenas. Previa um êxito de desorientação e de riso. Mas qual! Foi a ele, pròpriamente, que a partida atingiu; foi ele mesmo o logrado: porque viu os espectadores muito compenetrados e sérios, não havendo um único a quem causasse estranheza a disparatada sequênciã de tudo aquilo... Dir-me-ão que a história foi provàvelmente inventada, que talvez não seja factualmente verídica, pois sim; mas isso que importa, se temos motivos para a considerar certíssima como símbolo da vida intelectual da Nação?... Fosse lá como fosse, dá-nos o testemunho do autor dos *Gatos* sobre o desarranjo intelectual do nosso escol: e a sua observação vem corroborar a minha.

Não digo que tais escritores não avezem público, algumas criaturas que os tenham lido: mas que estas são insuficientes, em número e força, em vivacidade mental, para lhes conferir um influxo no viver da Grei.

Se tivéssemos acaso, no nosso ambiente literário, bom número de críticos que merecessem confiança (quer dizer: com intelligência crítica, com cultura séria); se aqueles poucos que prestam se não vissem afogados pela terrível fecundidade dos palavreadores sem nexò, dos psitacistas vácuos; se eles pudessem exprimir-se com veracidade e franqueza nos colunas dos jornais de difusão mais larga; se a básica função desses «órgãos da Imprensa» não fosse o serviço de certos interesses mamónicos, na interdependência de negócios com que é explorado o povo (negócios e interesses do mais grosso calibre, que seriam prejudicados pela sinceridade da crítica); se tais obstáculos se minorassem bastante, — os autores que merecessem actuar no público começariam talvez a exercer influênciã; porém... É que tais obstáculos (invencíveis por ora) connexionam-se com um conjunto de condições culturais de que tenho tratado desde há longos anos e que não é nada fácil remover brevemente. A Sociedade portuguesa é fortemente oligárquica e a escola portuguesa não dá cultura.

Digo, em suma, que não seria bastante a actuação de bons críticos, que pudessem escrever com liberdade honesta. Parece-me necessário modificar o ensino no sentido da verdadeira intelecção das ideias para que venhamos pela escola a criar um público em que possam influir os escritores portugueses (os que tiverem conteúdo para influir no público). No campo dos estudos pròpriamente literários, vejo um óbice de vulto para a instrução na escola: e é que por desgraça os nossos escritores antigos dão-nos poucos ensejos para as discussões de ideias. Muito outro galo nos cantaria, decerto, se os nossos autores dos séculos passados fossem da índole de um Montaigne, de um Descartes, de um Malebranche, de um Pascal, de um Racine, de um Molière, de um Fénelon, de um La Bruyère, de um Vauvenargues, de um Fontenelle, de um Voltaire, de um Montesquieu, de um Diderot, de um Rousseau, por exemplo. Nem nos nossos «clássicos», pois, nós podemos achar quem nos dê bom treino no sistemático exercíciò do juízo exacto. Nem mortos temos que possam de facto influir...



Por isso, falando em geral, o amor das ideias é bem raro aqui. A escola portuguesa não nos inspira esse amor. Muito pelo contrário: só pode incutir-nos o horror às ideias, à leitura, ao estudo. E não havendo entre nós o amor às ideias, em que porção de gente podem influir os autores e como chegará à Sociedade a influência deles?

Há em Portugal as paixões de partido; há as desavenças, a competição entre os homens, — com as invejas e intriguinhas que lhes vão sempre unidas; e as ideias, aqui, são só simples instrumentos dessas paixões sectárias, dessas brigas pessoais. O «intelectual» procede nas questões do espírito à semelhança do povo pelo que respeita à bola, à corrida, à bicicleta, ao hóquei. O verdadeiro amator e entendedor de desportos aprecia o desportista que sabe jogar com estilo — técnica e moralmente — sem olhar ao clube em que ele esteja inscrito; porém, para o nosso povinho as exhibições do desporto não passam de um pretexto para paixões sectárias, inteiramente estúpidas. Entre nós, o bom desportista é odiado por um homem se não pertence ao clube de que ele é partidário; e sabe-se que para o impedirem de ganhar num concurso — recorre-se a tudo: aos procedimentos mais vis. Pois bem: no que se poderia chamar o desportismo de ideias, o «intelectual» e o público são igualmente assim. O partidismo é o mesmo; o mesmo o pessoalismo; a selvajaria, a mesma.

Em tais circunstâncias torna-se difficílissima a influência legítima, — quer dizer: a do intelectual de cunho e escritor de personalidade (amador da cultura pela cultura em si) sobre um público interessado pela cultura autêntica. Quando há um escritor que mereça influir, é um público de peso o que em Portugal nos falta. Entre nós, o intelectual genuino é uma coisa rara e carece de um público em que lhe seja dado influir, — pois não há público bastante que esteja realmente educado para se interessar a fundo pela actividade mental, que distinga o que é bom do que não vale um chavo e que se imponha aos homens que todo lo mandam aqui. Acresce que a gente é geralmente paupérrima, sem dinheiro para livros, o que restringe a massa dos leitores possíveis.

Ademais, partindo do dogma de que as pessoas do vulgo são incapazes de se iniciarem na apreciação do que é válido, aqueles que se metem a satisfazer o povo naquilo que respeita às necessidades estéticas (já repararam, decerto, nos programas de arte para trabalhadores portugueses) servem-lhe sobretudo o que é de baixo nível; e, por outra banda, os sectários apresentam-nos como autores de génio os seus correligionários partejadores de escritos, — os quais, não raro, são típicos monumentos de desordem do cérebro, de verborreia sem tino, de confusão mental.

Desta forma, deparam-se entre nós intellectuais isolados, sem que exista uma vida intellectual geral, com relações fecundas entre os escritores e um público.

Queiram notar este significantíssimo caso: funciona no País uma Academia conspícua, que foi nos seus começos uma instituição bem séria. Nela há uma classe de Letras e uma classe de Ciências. Ora, se se examinarem os relatos das sessões ordinárias da classe de Letras da nossa Academia, ver-se-ão sempre figurando à cabeça do rol, como membros activos e dirigentes de tudo, respeitabilíssimos cavalheiros que ninguém no País — absolutamente ninguém — considerou jamais como escritores de verdade, e de que não é possível apresentar doze linhas que tenham uma sombra da arte de escrever. Repare-se: não me queixo de que não sejam escritores de primeira. Em todas as academias há escritores bem modestos, porque não nascem gigantes em número suficiente para ocuparem todos os lugares de uma academia literária. Topam-se, portanto, escritores secundários nas academias estrangeiras; mas são escritores. Medianos, sim — mas escritores; com um público de medíocres, mas conhecidos por um público. Porém, à testa das Letras, na nossa velha Academia, estão pessoas notáveis por quaisquer outros dotes, — mas que podemos dizer que não são escritores; que não há NINGUÉM, por todo esse País, que conheça um deles como um escritor. São financistas, juriconsultos, homens de negócios e coisas análogas, — e não nego que o sejam de modo notável: mas homens de letras... Justos deuses! Nada, nada, nada! Vejo-os tão absurdos, à frente das Letras, como o seriam o Aquilino, o Ferreira de Castro, o José Régio, o Afonso Duarte, o Miguel Torga, etc.. etc. (ó queridos amigos, impossível pôr todos!) — à frente da Associação Comercial de Lisboa.

Ora, creio que tal despropósito não seria possível se acaso existisse, para os leitores do País, a realidade de um público; se eles algo tivessem de uma força própria; se pesassem qualquer coisa na Nação portuguesa; se acaso entrassem pela mais miuda dose na estrutura dinâmica da Sociedade.

\*  
\* \*

Eis aí as dúvidas que me reverteram ao espírito quando li o inquérito do *Tetracórnio*. Se são justificadas, existe um mal. E os remédios? A meu ver, aqueles mesmos que apontei mil vezes na campanha de reforma em que tenho andado.